

Este texto foi publicado na revista Comunicação & Sociedade, São Bernardo do Campo, v. 26, n. 42, p. 139-144, 2004.

Uma releitura da história do jornalismo através dos tempos

BARRERA, Carlos (coord.). **Historia del periodismo universal**. Barcelona: Ariel Comunicación, 2004. 424p.

Marcelo Sabbatini

Doutorando em Teoria e História da Educação pela Universidade de Salamanca, Espanha e pesquisador associado do Instituto Universitário de Estudos da Ciência e da Tecnologia da mesma universidade. Mestre em Comunicação Social, modalidade Comunicação Científica e Tecnológica, pela Universidade Metodista de São Paulo.

É possível que muitos leitores não saibam, mas o primeiro a chamar a imprensa de “quarto poder”, algo que na atualidade se estende aos meios de comunicação geral, foi o político conservador inglês Edward Burke, em um passado tão remoto como o ano 1787. Desta forma, os vínculos entre o jornalismo e os interesses políticos econômicos, com a palavra sendo uma verdadeira arma nas lutas por estes domínios, mais que um fato da atualidade presente é a base mesmo desta expressão cultural e fenômeno tão característico da modernidade. Esta é a principal constatação que o leitor tem ao avançar na leitura da *Historia del Periodismo Universal* (Barcelona: Ariel Comunicación, 424p.), organizada por Carlos Barrera, professor de jornalismo e história política da Espanha na Universidade de Navarra, e que reúne a treze autores de distintos países, todos especialistas universitários na história da comunicação. Segundo as próprias palavras do autor, o objetivo do livro é primordialmente didático, com a intenção de servir de manual universitário que permita organizar e sistematizar a evolução do jornalismo e de suas diferentes modalidades ao longo da história. Uma tarefa difícil, já intuita pelo amplo índice, que parte da origem remota do jornalismo no século 17 e chega aos tempos do jornalismo digital em Internet, com a análise desta evolução em diferentes países, em seus principais momentos históricos.

Devido a esta extensão de cobertura, e ao fato de que no caso de adoção de definições amplas para o conceito de jornalismo e dos temas relacionados o livro resultaria impraticável, em sua apresentação o autor postula as pautas que regem esta iniciativa. Assim, o conceito assumido de jornalismo é um de carácter clássico, limitando-se a suas três principais formas, a imprensa, o rádio e a televisão, e evitando outras formas de comunicação social. Outro preceito lógico é tratar os casos da Espanha e do continente latino-americano, incluído o Brasil, relacionando-os com as principais orientações do jornalismo demarcadas pelos países de referência.

A obra está dividida em duas grandes partes. A primeira analisa como surgiu e se estabeleceram os princípios básicos do jornalismo, começando pelo Século das Luzes (ainda que se façam breves referências aos seus antecedentes mais antigos) e chega às bordas do século 20. O primeiro capítulo aborda principalmente como as primeiras gazetas, propulsadas pela invenção da imprensa de Gutemberg, surgiram como resultado dos movimentos de liberação política, estabelecendo desde o início um

vínculo com a questão da liberdade de imprensa e estabelecendo relações de enfrentamento ou convivência com o poder reinante. Posteriormente, ajustaram-se a uma demanda de informação gerada pela curiosidade e a um afã de lucro, já estabelecendo um enfrentamento que se observa na atualidade, a dicotomia entre a precisão e a espetaculosidade. Os capítulos seguintes estão dedicados ao desenvolvimento da imprensa nos países pioneiros neste campo, como França, Inglaterra e Estados Unidos, destacando os avanços técnicos e o surgimento de uma indústria associada (por exemplo, as agências de notícias) que permitiram a institucionalização do jornalismo. Por último, também são dedicados capítulos aos países ibero-americanos, relacionando o surgimento algo tardio do jornalismo nestes contextos, ainda que como forma de representação dos movimentos de independência nacionais.

Na segunda parte analisa-se a trajetória desta forma de comunicação e de como contribuiu para o estabelecimento da chamada “Sociedade da Informação”. Uma vez estabelecidos os princípios básicos do jornalismo, como atividade intelectual e como empresa, descrevem-se os “impérios” da comunicação de massas que ainda hoje sobrevivem, baseados na imprensa e com um papel influente, inclusive decisivo, nos principais acontecimentos do século como foram as grandes guerras mundiais. Neste segmento, dedicam-se capítulos a fenômenos específicos desta era, como o surgimento dos tablóides e da imprensa sensacionalista, e de novos formatos, com a implantação da rádio e da televisão. Os capítulos dedicados à Espanha e América Latina analisam em primeiro lugar como se deu o desenvolvimento da imprensa moderna nestes países, destacando uma forte concentração dos meios de comunicação em vinculação com o capital privado e uma relação de tensão permanente com o poder dominante, devido a constante alternância de regimes democráticos e ditaduras. Por último, o capítulo que descreve a transição democrática derivada das ditaduras que de forma homogênea dominaram o continente a partir da década de 60 (e no caso da Espanha, a partir da conclusão da Guerra Civil) é destacadamente a contribuição mais importante do livro à história do jornalismo, destacando um registro histórico comum a estes países. Neste sentido, e a modo de generalização, durante os passos iniciais da liberação dos regimes, os grandes meios desempenharam um papel passivo, somente passando a atuar segundo uma orientação democratizante a partir do momento em que surgiram movimentos alternativos de contestação. Em suma, o passo de uma “guerrilha de papel” a um “parlamento de papel”.

Além destas linhas gerais o livro apresenta dois capítulos que podem ser considerados “transversais”, no sentido de que analisam fenômenos específicos do século XXI, com destaque para o controle político da informação, evidenciados na relação dos estados totalitários (nazismo, fascismo, franquismo e comunismo) e pela transição à democracia nos países leste-europeus. Nestes casos, a história entendida como forma de compreender o presente explica aos leitores o porquê de muitas críticas feitas com relação à regulamentação e controle da atividade profissional jornalística, atualmente em debate no Brasil. O último capítulo, a modo de epílogo, coloca o pé no que seria o futuro do jornalismo, contando a incipiente evolução do jornalismo digital.

Resgatando o início desta resenha, a partir do estudo desta trajetória pode-se entender como o jornalismo relaciona-se com seu ambiente circundante, estando condicionado e atuando em favor ou em contra dos interesses políticos e econômicos de uma época. Se bem utilizado, o livro cumpre assim seu objetivo inicial de servir como manual didático, ao evidenciar estas relações e ao convidar à reflexão e ao debate do conceito moderno

de objetividade jornalística. Porém, ao longo do texto, estas mesmas relações levam a alguns dos autores a incorrer no incumprimento de um dos princípios condicionantes do livro, a limitação ao jornalismo, fazendo referências explícitas à propaganda política em outras modalidades de comunicação social. Mais que uma debilidade, este fato evidencia em um grau ainda maior o importante papel do jornalismo nas sociedades modernas e de sua indissolubilidade frente a todas as manifestações culturais. Em palavras de José Marques de Melo (2001), o jornalismo assume o papel de uma “forma de conhecimento que permite aos cidadãos de qualquer sociedade acompanhar, participar e influir na História do seu tempo”.

Porém, ao focar basicamente os vínculos do jornalismo com a política e com os fatores econômicos, e principalmente na segunda parte, o que se apresenta é uma *história da economia do jornalismo*, com o relato exaustivo de títulos de periódicos, grupos empresariais, datas, nomes de personagens e dados de circulação. Nesta questão, identificamos uma ausência de um tratamento mais profundo do como haveria evoluído o conceito de notícia, seu tratamento e os diferentes gêneros jornalísticos, como por exemplo, o que pode ser encontrado por exemplo na *História das Comunicações* de Stephen Mitchell (1998). De maneira geral, se evidenciam as relações, porém não há exemplos vívidos de como estas se produzem. Esta característica se faz mais patente quando ao tratar a televisão e o rádio, praticamente não descreve como estes meios se utilizaram para cumprir uma missão informativa ou como mudaram com o advento de uma tecnológica cada vez mais sofisticada. Ou tampouco se aborda a questão (discutível) de que os meios eletrônicos (audiovisuais e eletrônicos) em última instância poderiam estar levando o jornalismo impresso a uma morte prematura.

Também cabe destacar que o tratamento dado ao jornalismo no Brasil é um tanto superficial (ainda que curiosamente Portugal, muito mais próximo geográfica e historicamente não figure no livro), com fontes bibliográficas de referência limitadas. Tal tratamento deve-se em parte à limitação do número de páginas que exige um esforço de síntese considerável por parte dos autores para não transformar o manual em uma enciclopédia e ao fato de que devido ao desconhecimento, por parte do público alvo, do contexto histórico brasileiro, um espaço considerável é reservado a este esforço explicativo.

Como conclusão, notamos que, no que se denomina uma “história universal”, há uma absoluta predominância dos países ocidentais, especialmente os já mencionados países de referência. No caso de Espanha, incluída pelo fator da autoria, e da América Latina, pelas relações idiomáticas, históricas e acadêmicas, prevalecem as análises comparativas mais do que o relato das contribuições específicas que a tradição latina possa ter proporcionado ao jornalismo, como por exemplo o jornalismo literário e de crônica de Gabriel García Márquez e de Mario Vargas Llosa. Cabe então a pergunta, existem contribuições desconhecidas que provenham de outros universos culturais ou o jornalismo é realmente um fenômeno puramente ocidental? Ou como também nota Mitchell (2000), à parte das histórias exclusivistas do jornalismo de cada nação, uma prática frequente nos meios acadêmicos e principalmente nos Estados Unidos, evidencia-se a necessidade de internacionalizar o estudo histórico do jornalismo, de forma que conexões, comparações e questões fundamentais que permanecem virtualmente desconhecidas venha à luz e enriqueçam este campo da pesquisa e ensino em jornalismo.

Referências

- Marques de Melo, José. Impasses do jornalismo na virada do milênio. *Sala de Prensa: Web para Profesionales de la Comunicación Iberoamericanos*, año III, v. 2, noviembre de 2001. Available from World Wide Web: <<http://www.saladeprensa.org/art290.htm>>.
- Stephens, Mitchell - *História das comunicações - Do tantã ao satélite*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1993. Tradução de: *A History of news: from the drum to the satellite*. 1ª. Ed. New York: Viking Press, 1998
- Stephens, Mitchell. A Call for an International History of Journalism. *American Journalism Review*, v. 17, n. 2, 2000. pp. 97–100.